

COMPARAÇÃO DOS NÍVEIS DE COESÃO DE GRUPO ENTRE ATLETAS DE ESPORTES COLETIVOS DE DIFERENTES IDADES

Ivan Wallan Tertuliano¹ José Maria Montiel² Daniel Bartholomeu³ Douglas Versuti Arantes Alvarenga⁴ Bruna Alves Santana⁵

Resumo: O presente estudo teve o objetivo de investigar o nível de coesão de grupo de atletas amadores de esportes coletivos e comparar os níveis de coesão entre atletas mais jovens e atletas mais velhos. Para isso, participaram do estudo, de forma voluntária, 35 atletas de esportes coletivos com idade entre 15 e 38 anos ($21,37 \pm 5,46$), de ambos os sexos. Todos os atletas participaram dos jogos regionais de um mesmo ano, defendendo a mesma cidade. Os atletas foram divididos em dois grupos amostrais: G1 – grupo com atletas até 19 anos (17 participantes com idade de $17,50 \pm 1,15$); G2 – grupo com atletas acima de 19 anos (18 participantes com idade de $25,47 \pm 5,41$). Os atletas preencheram o Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) e o termo de assentimento, no caso dos menores de idade. Todos participantes responderam ao Questionário de Ambiente de Grupo – QEG. As análises foram realizadas com o uso de testes não-paramétricos, pois não houve normalidade nos dados. Os resultados demonstraram que os atletas investigados apresentaram coesão de grupo elevada, principalmente influenciada pelas dimensões AI-T (atração individual no grupo-tarefa) e GI-T (integração no grupo-tarefa), independentemente de a análise ser com todos os participantes ou por grupo. Além disso, os resultados não demonstraram diferenças entre os atletas mais jovens e os atletas mais velhos, ou seja, os dois grupos apresentaram resultados similares. Diante dos resultados, pode-se tecer que os atletas investigados apresentaram resultados superiores em prol da tarefa, o que pode ter relação com a busca em demonstrar bons resultados ou com o estilo de liderança dos técnicos.

Palavras-chave: coesão grupal; esportes coletivos; jogos regionais; psicologia do esporte

Afiliação

¹ Universidade Anhembi Morumbi; ² Universidade São Judas Tadeu; ³ Centro Universitário UniAnchieta; ⁴ Centro Universitário Adventista de São Paulo; ⁵ Centro Universitário Adventista de São Paulo

COMPARISON OF GROUP COHESION LEVELS BETWEEN COLLECTIVE SPORT ATHLETES OF DIFFERENT AGES

Abstract: The present study aimed to investigate the group cohesion level of team sports amateur athletes and to compare the cohesion levels between younger and older athletes. For this, they participated in the study voluntarily, 35 team athletes aged between 15 and 38 years ($21,37 \pm 5,46$) of both sexes participated in the study. All athletes participated in the regional games of the same year, defending the same city. The athletes were divided into two sample groups: G1 - group with athletes up to 19 years old (17 participants aged $17,50 \pm 1,15$); G2 - group with athletes over 19 years old (18 participants aged $25,47 \pm 5,41$). The athletes completed the Term of Free and Informed Consent (TCLE) and the consent form in the case of minors. All participants answered the Group Environment Questionnaire - QEG. The analyzes were performed using non-parametric tests, as there was no normality in the data. The results showed that the investigated athletes presented high group cohesion, mainly influenced by the AI-T (individual attraction in the task group) and GI-T (integration in the task group) dimensions, regardless of whether the analysis was with all participants or by group. In addition, the results showed no differences between younger and older athletes, that is, both groups presented similar results. Given the results, it can be said that the athletes investigated presented superior results in favor of the task, which may have to do with the pursuit of demonstrating good results or with the leadership style of the coaches.

Key words: group cohesion; collective sports; regional games; psychology of sport

Introdução

Os esportes são objetivo de interesse dos pesquisadores a muitos anos¹⁻⁵. Os pesquisadores tentam, por exemplo, identificar elementos que auxiliem os profissionais que atuam com os esportes a melhorarem suas intervenções², seja no contexto de treinamento⁶, como no contexto de ensino-aprendizagem^{1,7}. Dentre essas intenções, pode-se citar a obra de González³, que objetiva classificar os esportes de forma a organizá-los por diferentes critérios, assumindo diferentes elementos para isso.

Entre os elementos assumidos, o autor buscou classificar os esportes assumindo um critério, inicialmente, que daria base a outros critérios e elementos de classificação dos esportes³. O critério inicial foi: existe a relação com os companheiros de equipe. Este critério permitiu a classificação dos esportes em dois grandes grupos de esportes, os esportes coletivos (existe a necessidade de ações coordenadas entre dois ou mais membros da equipe durante um jogo, partida, disputa etc.) e os esportes individuais (sem relação com companheiros de equipe, ou seja, atua sozinho durante a ação no esporte – jogo, partida, disputa etc.)³.

Assumindo essa classificação, entende-se que nos esportes coletivos alguns fatores psicológicos podem ser mais relevantes para o sucesso da equipe, pois a dinâmica dos esportes coletivos exige de seus praticantes (atletas) a coordenação de ações em conjunto, ou seja, as ações de um membro da equipe pode auxiliar a ação do outro membro⁷, auxiliando a equipe na conquista do bom resultado. Todavia, quando se fala em ações em conjunto, um aspecto psicológico que pode auxiliar o bom funcionamento das ações é a coesão entre os atletas, o que é denominado pela literatura de coesão de grupo⁵.

Nos esportes coletivos os atletas estão durante todo o tempo de uma partida, jogo ou disputa, atuando em conjunto com seus companheiros^{3,8}, exigindo uma boa relação entre os companheiros de equipe para que as ações sejam bem coordenadas em prol do bom resultado da equipe⁶. Sendo assim, a coesão de grupo pode ser determinada por um processo desenvolvimento, com o intuito de favorecer a união de um grupo para que se alcance metas, satisfazendo as necessidades afetivas dos membros⁹.

Assim, segundo Carron¹⁰, qualquer investida para descrever, explicar e controlar o comportamento de um grupo, no âmbito esportivo, deriva da compreensão do processo de coesão do grupo. Todavia, é oportuno citar que inúmeros fatores se relacionam com o processo de coesão de grupo, como fatores relacionados a características dos membros do grupo, interações sociais entre os membros do grupo, objetivos e metas do grupo^{5,11,12}.

Dessa forma, pode-se compreender que coesão de grupo é um fenômeno multifatorial¹³ e pode ser dividida em coesão de tarefa e coesão social¹⁴. Coesão de tarefa é compreendida

como a coesão em função de uma tarefa, ou seja, quando o grupo está organizado para desempenhar a tarefa¹⁵. Em contrapartida, coesão social é compreendida como a coesão em função das amizades, funções sociais, ou seja, uma não tarefa¹⁶. Tratando-se da influência da coesão de grupo, a literatura aponta que existe uma relação entre os níveis de coesão de grupo e o desempenho esportivo, principalmente nos esportes coletivos^{5,17,18} e, quando as equipes não apresentam coesão de grupo, elas tendem a apresentar resultados ruins, haja vista os atletas não terem interesse em atuarem coletivamente, com ações conjuntas e coordenadas para alcançar bons resultados esportivos¹⁵.

Além disso, para se investigar a influência da coesão nos resultados das equipes, existe a necessidade de algum tipo de instrumento de avaliação. Um dos instrumentos clássicos da literatura é o Questionário de Ambiente de Grupo (QAG), modelo teórico desenvolvido por Carron, Widmeyer e Brawley¹⁹, adaptado e validado para o Brasil por Nascimento Junior et al.¹³. De uso desse instrumentos, inúmeras pesquisas foram realizadas^{5,17,20-30} e apresentaram bons índices de confiabilidade do instrumento, demonstrando evidências de validade para o uso do mesmo.

Nesse conjunto de estudos, os esportes investigados foram Futebol e Futsal^{5,25,29}, Voleibol³⁰, Handebol²⁸, Basquetebol²² e outros esportes^{17,26,27}, ou seja, a maioria dos esportes investigados foram os esportes coletivos, considerando-se os apontamentos iniciais deste manuscrito, no que se refere coesão de grupo ser mais relevante para esportes coletivos, pois os atletas, nesses esportes, além de treinarem coletivamente, atuam coletivamente nas competições, justificando o presente estudo.

O conjunto de resultados dos estudos supracitados (esportes coletivos) indicam que os atletas profissionais demonstram coesão de grupo em função da tarefa, ou seja, as metas são mais importantes para esses atletas. Esses achados corroboram a teoria de Apple³¹, na qual aponta que atletas profissionais apresentam grandes índices de coesão em função da tarefa e não em função das relações sociais. Entretanto, os estudos, em sua maioria, investigaram atletas profissionais e, de acordo com Machado³², atletas amadores se comportam de forma diferente no que tange a coesão, pois as exigências esportivas, muitas vezes são menores, o que demonstra a necessidade de estudos que compreendam a coesão de grupo nessa população, justificando, novamente, o presente estudo, mas agora com outro critério, o nível competitivo.

Além disso, a literatura cita que a idade é um fator que influencia a coesão de grupo^{23,33}. Entretanto, os resultados referentes a influência da idade foram obtidos com atletas profissionais, ou seja, existe uma lacuna na literatura acerca dos resultados referente a

influência da idade nos níveis de coesão de grupo com atletas amadores, justificando o presente estudo. Dessa forma, o presente estudo teve o objetivo de investigar o nível de coesão de grupo de atletas amadores de esportes coletivos e comparar os níveis de coesão entre atletas mais jovens e atletas mais velhos.

Materiais e Métodos

Participantes

Participaram do estudo, de forma voluntária, 35 atletas, de ambos os sexos (29 homens e 06 mulheres), com idade entre 15 e 38 anos ($M=21,37$ e $DP=5,46$). Os participantes eram atletas de 4 equipes: Voleibol Masculino (11 participantes); Voleibol Feminino (06 participantes); Basquetebol Masculino (11 participantes); Handebol Masculino (07 participantes). Todos os atletas eram amadores e participaram dos jogos regionais de um mesmo ano, defendendo a mesma cidade.

Os participantes preencheram e assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) e, no caso de atletas menores de idade, além do TCLE (preenchido e assinado pelos seus responsáveis, maiores de idade), os participantes preencheram o termo de assentimento. Em relação a distribuição, os atletas foram distribuídos de duas maneiras, sendo que a primeira contou com um único grupo e a participação de todos os atletas da amostra. Na segunda distribuição, separou-se os atletas em dois grupos: G1 – grupo com atletas até 19 anos (17 participantes com idade de $17,50 \pm 1,15$); G2 – grupo com atletas acima de 19 anos (18 participantes com idade de $25,47 \pm 5,41$).

Instrumentos

Os participantes responderam ao Questionário de Ambiente de Grupo – QEG, de Carron, Widmeyer e Brawley¹⁹, adaptado e validado para o Brasil por Nascimento Junior et al.¹³ Este instrumento contém 16 itens que avaliam a coesão de grupo em equipes esportivas.

Os itens são distribuídos em quatro dimensões: 1- Integração no Grupo-Tarefa (GI-T) – como o atleta considera a harmonia da equipe em tarefas a serem realizadas (itens 8, 10, 12, 14 e 16); 2- Integração no Grupo-Social (GI-S) – como o atleta considera a união da equipe como unidade social (itens 9, 11, 13 e 15); 3- Atração Individual para o Grupo-Tarefa (AI-T) – como o atleta considera seu envolvimento com os objetivos estabelecidos (itens 3, 4 e 6), e 4- Atração Individual para o Grupo-Social (AI-S) – como o atleta considera a sua integração dentro do grupo social (itens 1, 2, 5 e 7).

As respostas foram inseridas de maneira que o avaliando escolha uma opção de um a nove para cada resposta, partindo do pressuposto em que varia de 1 “discordo totalmente” e 9 “concordo totalmente”. Nesse instrumento, as respostas mais próximas de 9 “concordo totalmente”, indicam um alto nível de coesão, enquanto que, as respostas mais próximas de 1 “discordo totalmente”, indicam um nível menor de coesão. Para calcular o escore de cada dimensão somou-se as respostas dos itens de cada dimensão e dividiu-se pelo respectivo número de itens, o que apresentou um valor que variava entre 1 e 9.

Procedimentos

Partindo-se dos princípios éticos de uma pesquisa com seres humanos do Conselho Nacional de Saúde (CNS), Resolução 466/12, o presente trabalho foi apresentado ao Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) do Hospital e Centro de Reabilitação da AACD e aprovado pelo mesmo comitê, sob o número de parecer: 1.541.273. Após essa etapa, realizou-se contato prévio com os responsáveis das equipes a fim de explanar o objetivo da pesquisa e solicitar autorização para a coleta com seus atletas.

Com a devida autorização, os atletas foram informados dos objetivos do estudo, e todos os participantes que aceitaram participar da pesquisa, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), estando cientes de que a participação na pesquisa era voluntária e anônima. Para os menores de 18 anos, o TCLE foi assinado por um responsável maior de idade e o menor assinou o termo de assentimento.

Para que o objetivo da pesquisa fosse respeitado, foram adotados alguns cuidados metodológicos, com o intuito de garantir a confiabilidade das informações coletadas. Para tanto, os questionários foram entregues aos atletas no dia da estreia nos jogos regionais, e foram respondidos individualmente, no local de concentração da equipe (Hotel ou alojamento). Todos os atletas responderam aos questionários acompanhados de pelo menos um pesquisador, para que os atletas não compartilhassem as informações durante o preenchimento.

O tempo de preenchimento dos questionários foi de aproximadamente 10 minutos. Após todos responderem aos questionários, as informações coletadas foram transferidas para uma planilha eletrônica (Excel, versão 2016), para análise dos resultados.

Análise Estatística

A análise inferencial foi conduzida por etapas e assumiu o valor de significância de 0,05. Em função do número de participantes houve a necessidade de testar a normalidade e a

homogeneidade de variância dos dados através do teste Kolmogorov-Smirnov (K-S) e do teste de Levene, respectivamente. Como os dados não apresentaram distribuição normal ($p < 0,05$), nem homogeneidade de variância ($p < 0,05$), foram utilizados: Mediana (Md) e Quartis (Q1; Q3) para caracterização dos resultados, e para as análises assumiu-se testes não paramétricos.

Para analisar a confiabilidade das dimensões do instrumento, ou seja, para avaliar a consistência interna das dimensões do questionário, utilizou-se do alfa de Cronbach (α de Cronbach), assumindo valores entre 0,7 e 0,9 como aceitáveis para o $\alpha^{34,35}$, para cada dimensão de forma isolada. Na avaliação da fidedignidade teste-reteste foi utilizado o coeficiente de correlação intraclases entre os itens e dimensões do instrumento. Os valores de correlação foram avaliados conforme proposto por Hopkins³⁶, em que $< 0,10$ (trivial), 0,10 a 0,30 (baixa), 0,31 a 0,50 (moderada), 0,51 a 0,70 (alta), 0,71 a 0,90 (muito alta), 0,91 a 0,99 (quase perfeita) e 1 (perfeita).

Para analisar as diferenças entre as dimensões, intragrupo, utilizou-se do teste de Friedman. Concernente a localização, utilizou-se o post hoc de Wilcoxon. Para controle do erro tipo 1, foi utilizado o procedimento sequencial Holm de Bonferroni³⁷. Em relação as análises entre grupos, utilizou-se o teste U de Mann-Whitney. Todas as análises foram realizadas com o auxílio do *IBM SPSS Statistics*, versão 22.

Resultados

Tratando-se da confiabilidade das escalas do instrumento, o alfa de Cronbach revelou bons índices de confiabilidade ($\alpha > 0,801$), ou seja, o índice de consistência interna geral do instrumento foi satisfatório. Porém, assumindo a multidimensionalidade do instrumento, houve a necessidade de calcular a confiabilidade de cada dimensão, isoladamente.

Assim, os valores de confiabilidade para cada dimensão variaram entre 0,711 e 0,886, tendo a correlação item-dimensão variando entre 0,352 e 0,849, o que indicou correlação moderada a muito alta entre os itens e a dimensão a qual ele pertence (Tabela 1).

Tabela 1 – Consistência interna das dimensões do instrumento e correlação item-dimensão (n=35).

Dimensão	Item número	α	Correlação Item-Dimensão
1. Integração no Grupo-Tarefa (GI-T)	8, 10, 12, 14, 16	0,773	0,480/0,590/0,678/0,591/0,352
2. Integração no Grupo-Social (GI-S)	9, 11, 13, 15	0,886	0,637/0,829/0,699/0,849
3. Atração Individual para o Grupo-Tarefa (AI-T)	3, 4, 6	0,780	0,452/0,650/0,595
4. Atração Individual para o Grupo-Social (AI-S)	1, 2, 5, 7	0,711	0,535/0,393/0,403/0,513

Fonte: os autores.

Nas análises para as 4 dimensões do instrumento (GI-T, GI-S, AI-T e AI-S), tabela 2, observa-se que os níveis mais altos de coesão de grupo foram encontrados na dimensão atração individual para o grupo-tarefa – AI-T ($Md = 8,00$), seguido da dimensão integração no grupo-tarefa – GI-T ($Md = 7,60$). Tais informações foram suportadas pela análise inferencial, pois o teste de Friedman apresentou diferença significativa dentre dimensões [$\chi^2 (3) = 40,347$; $p < 0,0001$].

Concernente a localização, o teste de Wilcoxon demonstrou que a dimensão AI-T apresentou escores superiores as dimensões GI-S e AI-S ($p < 0,016$, valor ajustado), mas não demonstrou diferença significativa em relação a dimensão GI-T. Essa, a dimensão GI-T, também apresentou escores superiores as dimensões GI-S e AI-S ($p < 0,016$, valor ajustado). Tais resultados demonstram que as dimensões com maiores escores foram as dimensões relacionadas a tarefa, sendo a AI-T e a GI-T, respectivamente.

Tabela 2 – Comparação das dimensões do instrumento QEG (n=35).

Dimensão	Itens
1. Integração no Grupo-Tarefa (GI-T)	7,60 (6,80; 8,40)
2. Integração no Grupo-Social (GI-S)	5,75 (4,50; 7,75)
3. Atração Individual para o Grupo-Tarefa (AI-T)	8,00 (7,66; 8,66)
4. Atração Individual para o Grupo-Social (AI-S)	7,00 (5,75; 7,75)

Fonte: os autores.

Analisando-se os valores intragrupo, para cada dimensão, pode-se observar que o grupo G1 (atletas até 19 anos) apresentou valores superiores na dimensão AI-T, seguida da dimensão GI-T (Tabela 3). Tais informações foram suportadas pela análise inferencial, pois o teste de Friedman apresentou diferença significativa entre dimensões [$\chi^2 (3) = 19,591$; $p < 0,0001$]. Frente a localização das diferenças, o *post hoc* demonstrou diferenças parecidas com as encontradas com a amostra organizada em um único grupo, ou seja, AI-T apresentou escores

superiores as dimensões GI-S e AI-S ($p < 0,016$, valor ajustado), mas não demonstrou diferença significativa em relação a dimensão GI-T, que apresentou escores superiores as dimensões GI-S e AI-S ($p < 0,016$, valor ajustado).

Tabela 3 – Comparação das dimensões do instrumento QEG entre os grupos ($n=35$).

Dimensão	G1 (n=17)	G2 (n=18)	U de Mann-Whitney	P
	Md (Q1; Q3)	Md (Q1; Q3)		
1. Integração no Grupo-Tarefa (GI-T)	7,30 (6,70; 8,05)	8,20 (6,80; 8,70)	94,000	0,530
2. Integração no Grupo-Social (GI-S)	5,25 (4,94; 6,32)	7,50 (4,12; 8,12)	111,000	0,173
3. Atração Individual para o Grupo-Tarefa (AI-T)	7,83 (7,16; 8,41)	8,33 (7,67; 8,67)	101,500	0,089
4. Atração Individual para o Grupo-Social (AI-S)	6,62 (4,94; 7,31)	7,25 (5,87; 8,12)	101,000	0,089

Fonte: os autores.

Tratando-se do grupo G2 (atletas acima de 19 anos), observa-se valores superiores na dimensão AI-T, seguida da dimensão GI-T (Tabela 3). Tais informações foram suportadas pela análise inferencial, pois o teste de Friedman apresentou diferença significativa entre dimensões [$\chi^2 (3) = 20,765$; $p < 0,0001$]. Frente a localização das diferenças, o *post hoc* demonstrou as mesmas diferenças encontradas no grupo G1.

Comparando os resultados dos dois grupos (G1 *versus* G2), pode-se observar que o G2 apresentou maiores escores para todas as dimensões do instrumento (Tabela 3). Tais informações não foram confirmadas pelas análises inferenciais, conduzidas pelo teste U de Mann-Whitney, pois o mesmo não apresentou diferença significativa entre os grupos, para nenhuma das dimensões do instrumento ($p > 0,05$). Tais informações apontam que os dois grupos apresentaram níveis similares de coesão de grupo.

Em síntese, os resultados do presente estudo demonstraram que o questionário utilizado apresenta confiabilidade. Os resultados demonstraram que os atletas apresentaram valores superiores para as dimensões relacionadas a tarefa (AI-T e GI-T), independentemente da separação amostral e que não houve diferença significativa entre os grupos G1 e G2, demonstrando que a idade não influenciou o nível de coesão de grupo.

Discussão

O presente estudo teve como objetivo investigar o nível de coesão de grupo de atletas amadores de esportes coletivos e comparar os níveis de coesão entre atletas mais jovens e atletas

mais velhos. Todos os atletas eram amadores e participaram dos jogos regionais de um mesmo ano, defendendo a mesma cidade. Para tanto, utilizou-se do QEG, instrumento que foi adaptado e traduzido para o português brasileiro por Nascimento Junior et al.¹³ e que demonstra bons resultados de validade e fidedignidade³⁸.

Em relação aos resultados do presente estudo, na análise das dimensões da coesão de grupo, com todos os participantes, verificou-se bons índices de coesão de grupo, pois os valores obtidos foram superiores a cinco, o que demonstra forte coesão de grupo¹³. Dentre os valores obtidos, destaca-se os resultados superiores das dimensões relacionadas a tarefa (AI-T e GI-T) para todos os participantes e para as análises intragrupo, demonstrando que existe sentimentos do atleta em relação a equipe, bem como seu envolvimento pessoal com as tarefas e objetivos da tarefa, o que corrobora a literatura^{5,19,22,29,33,39}. Assim, quando se tem interação entre os atletas, o sentimento de empatia e de companheirismo são elevados^{19,40}.

Fiorese et al.²⁹ afirma que tais informações estão ligadas ao relacionamento treinador-atleta e que esse fator influencia a associação entre a motivação e a coesão de grupo, ou seja, eleva a motivação dos atletas e, com isso, pode-se reduzir fatores negativos que influenciam a coesão de grupo (social e tarefa). Diante disso, pode-se dizer que não só a motivação é responsável pelo engajamento e continuidade no esporte, mas também as conexões sociais são relevantes para o engajamento no grupo⁴¹. Dessa forma, os agentes sociais externos, como o treinador, demonstram ser significativos para a inserção dos indivíduos no esporte⁴².

Todavia essas informações são hipóteses explicativas, pois o presente estudo não teve o objetivo de avaliar a influência da motivação na coesão de grupo, o que permite apresentar perspectivas futuras de estudos. Ainda, pode-se discorrer acerca dos resultados pautando-se em Eys et al.¹⁸. Os autores sugerem que quanto maior for o escore relacionado a tarefa (AI-T e GI-T), maior será o empenho dos atletas para atingir os objetivos estabelecidos pela equipe. Dessa forma, no presente estudo, os resultados demonstraram que existe sentimentos dos atletas em relação a equipe, bem como seu envolvimento pessoal com as tarefas e objetivos da tarefa^{14,22}.

Tais achados entram em consonância com a teoria de Apple³¹, onde o autor cita que quando os objetivos de desempenho pessoal estão ligados à melhoria do desempenho da equipe, os atletas da equipe apresentam maior coesão de grupo por atração individual ao grupo, levando os atletas a cumprirem de forma mais satisfatória as tarefas do grupo, pois assumem que isso tem relação com a melhora de seu desempenho. Essas informações permitem apontar que os atletas, possivelmente, apresentam prazer em participar das equipes, o que é compreendido como um sentimento de pertencimento ao grupo/equipe⁴³⁻⁴⁵. Porém, essa relação entre coesão

de grupo e desempenho dos atletas não foi objeto do presente estudo, ou seja, não foi investigado apontando perspectivas futuras.

Em relação as comparações por idade, era esperado que atletas mais velhos apresentassem maiores valores de coesão de grupo^{5,23,33}, pois a literatura aponta que atletas mais velhos atuam, no que tange a coesão de grupo, em prol de objetivos comuns, como por exemplo conquistar um campeonato¹⁴ e se dedicar mais aos treinamentos³¹. Isso não ocorreu no presente estudo, o que diverge do apontado por outros estudos^{13,18,19,28,29,38,46}. Entretanto, nesses estudos, o público investigado era de equipes profissionais, e no presente estudo os atletas eram de equipes amadoras, o que pode ter influenciado os resultados de comparação entre atletas mais jovens e atletas mais velhos.

Além da diferença do nível competitivo (amador X profissional), uma possível explicação para esses resultados possa estar relacionada com a influência da liderança (técnico). Gomes, Pereira e Pinho²³ citam que atletas jovens tendem a ser mais influenciados pela liderança do que atletas mais velhos. Assim, o técnico, efetivamente, apresenta influência no desenvolvimento da coesão entre o grupo de atletas^{24,47}, principalmente nos mais jovens, o que pode ter contribuído para a não diferença, ou seja, para que os atletas mais jovens apresentassem comportamentos similares aos mais velhos.

O técnico é responsável por estabelecer relações positivas e individuais na equipe, tornando o clima ameno para propiciar aprendizagem e aprimoramento dos atletas⁴⁸. Entretanto, as questões apontadas acerca da influência da liderança na coesão de grupo não foi objeto de investigação do presente estudo, mas possibilitam direcionar possíveis participações do técnico na melhora da coesão do grupo⁴⁹.

Dando suporte a influência do técnico, Vieira et al.⁵⁰ apontam que quanto mais o treinador for próximo dos atletas, e quanto mais o treinador aproveitar os treinos para ensinar os atletas, maior será sua influência no comportamento do atleta, o que vai de encontro ao apontado por outros autores⁵¹. Assim, como já citado, a liderança do técnico pode ter influenciado positivamente os resultados dos atletas mais jovens. Esses achados apontam que o técnico deve apresentar uma formação adequada para atuar junto aos atletas mais jovens. Todavia, essa informação carece de mais investigações, pois não fez parte dos objetivos do presente estudo.

Finalizando, com base nos resultados do presente estudo, a atração individual dos atletas para o grupo é uma variável relevante na coesão de grupo, podendo ser considerada preditora na relação entre coesão de grupo e performance da equipe^{5,52}. Assim, pode-se dizer que a coesão

de grupo deve ser trabalhada desde o início da vida atlética, ou seja, desde as categorias de base, pois esse é um fator psicológico que tem forte influência no desempenho das equipes^{53,54}.

Fundamentando o supracitado, aponta-se os achados de Prapavessis e Carron⁵⁵, nos quais os autores apresentaram que bons níveis de coesão de grupo contribuíram para a diminuição da ansiedade pré-competitiva dos atletas investigados, principalmente a AI-T, reforçando o apresentado por Eys et al.¹⁸, em que equipes que são formadas por atletas com elevados escores de coesão tendem a ter um grupo mais dispostos a cumprir tarefas e conquistar bons resultados. Diante disso, a formação do atleta deve ser pensada desde as categorias de base⁵³, conduzindo o jovem atleta a diferentes formações: física, técnica e psicológica^{5,22,54}, ou seja, a formação deve ser conduzida em uma perspectiva multidimensional.

Conclusão

O presente estudo demonstrou que os atletas investigados apresentaram coesão de grupo elevada, principalmente influenciada pelas dimensões AI-T e GI-T, independentemente de a análise ser com todos os participantes ou por grupo. Além disso, os resultados não demonstraram diferenças entre os atletas mais jovens e os atletas mais velhos, ou seja, os dois grupos apresentaram resultados similares.

Enquanto limitações, o presente estudo apresenta as seguintes limitações: (a) ter sido investigado a coesão apenas em equipes de esportes coletivos; (b) não ter investigado a influência da coesão nos resultados da competição; (c) não ter investigado a influência do técnico nos resultados de coesão. Diante disso, estudos futuros são esperados acerca de tais limitações e, além disso, para relacionar os resultados com outras variáveis, como por exemplo, motivação, ansiedade e estados de humor, já que tais fatores podem influenciar os níveis de coesão de grupo.

Referências

1. Silveira SR. Esporte Escolar: perspectivas de produção do Esporte da Escola. In: Machado AA, Tertuliano IW, editors. Educação Física e Esportes: novos caminhos. São Paulo: Alexa Cultural; 2017. p. 13–30.
2. Parlebas PJ. Juego deporte y sociedad: Léxico de praxiología motriz. Barcelona: Paidotribo; 2001.
3. Gonzalez FJ. Sistema de classificação de esportes com base nos critérios: cooperação, interação com o adversário, ambiente, desempenho comparado e objetivos táticos da ação. Lect Educ Física y Deport. 2004.
4. Tani G, Bento JO, Petersen RDS. Pedagogia do Desporto. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2006.
5. Tertuliano IW, Alvarenga DVA, Xavier GHC, Oliveira V, Machado AA. Coesão de

grupo em categorias de base do futebol. *Rev Bras Ciência e Mov.* 2019;27(2):37–47.

6. De Rose Junior D. *Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar*. 2nd ed. Porto Alegre: ArtMed; 2009.

7. Leonardo L, Scaglia AJ, Reverdito RS. O ensino dos esportes coletivos: metodologia pautada na família dos jogos. *Motriz*. 2009;15(2):236–46.

8. González FJ, Darido SC, Oliveira AAB. *Esportes de invasão: Basquetebol, Futebol, Futsal, Handebol e Ultimate Frisbee*. 2nd ed. Maringá: Eduem; 2017.

9. Carron AV., Hausenblas HA, Eys MA. *Group Dynamics in Sport*. 3rd ed. Morgantown: Fitness Information Technology; 2005.

10. Carron AV. Cohesiveness in sport groups: interpretations and considerations. *J Sport Exerc Psychol*. 1982;4(2):123–38.

11. Widmeyer WN, Brawley LR, Carron A V. The effects of group size in sport. *J Sport Exerc Psychol*. 1990;12(2):177–90.

12. Eys MA, Carron A V. Role ambiguity, task cohesion, and task self-efficacy. *Small Gr Res*. 2001;32(3):356–73.

13. Nascimento Junior JRA, Vieira LF, Rosado AFB, Serpa S. Validação do Questionário de Ambiente de Grupo (GEQ) para a língua portuguesa. *Motriz*. 2012;18(4):770–82.

14. Weinberg RS, Gould D. *Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício*. 6th ed. Porto Alegre: ArtMed; 2017.

15. Mikalachki A. *Group cohesion reconsidered*. [Tese de Doutorado]. London: School of Business Administration. University of Western Ontario; 1969.

16. Asamoah B, Grobbelaar HW. Team cohesion and performance during a university soccer championship: Two sides of the coin. *South African J Res Sport Phys Educ Recreat*. 2017;39(1):17–31.

17. Silveira FJT, Oliveira LP. A coesão de grupo realacionada à satisfação das necessidades básicas no esporte em karatecas. *Rev Cesumar*. 2017;22(1):7–17.

18. Eys MA, Loughhead T, Bray SR, Carron AV. Development of a cohesion questionnaire for youth: the Youth Sport Environment Questionnaire. *J Sport Exerc Psychol*. 2009;31(3):390–408.

19. Carron AV, Widmeyer WN, Brawley L. The Development of an Instrument to Assess Cohesion in Sport Teams: The Group Environment Questionnaire. *J Sport Psychol*. 1985;7(3):244–66.

20. Nascimento Júnior JRA, Granja CTL, Silva EC, Amorim DR, Oliveira DV, Vieira LF. A frequência de jogos como titular e o tempo na equipe são fatores intervenientes na percepção de coesão de grupo no contexto do Futsal de alto rendimento? *Rev Inspirar Mov saúde*. 2018;16(2):26–31.

21. Paes MJ, Machado TA, Berbetz SR, Stefanello JMF. Frequência, intensidade e direção da ansiedade e sua relação com a coesão grupal em uma equipe de voleibol infanto-juvenil masculina. *Rev Bras Psicol do Esporte*. 2016;6(3):46–56.

22. Xavier GHC, Sousa BMG, Alvarenga DVA, Garcia RLS, Machado AA, Tertuliano IW. Coesão de grupo no Basquetebol: olhares nas categorias de base. *Arq Ciências da Saúde da UNIPAR*. 2020;24(1):53–9.

23. Gomes AR, Pereira AP, Pinheiro AR. Liderança, coesão e satisfação em equipes desportivas: um estudo com atletas Portugueses de futebol e futsal. *Psicol Reflexão e Crítica*. 2008;21(3):482–91.

24. Gomes AR, Machado AA. Liderança, coesão e satisfação em equipes de voleibol portuguesas: Indicações da investigação e implicações práticas. In: Brandão RMF, Machado AA, editors. *O Voleibol e a psicologia do esporte*. São Paulo: Atheneu; 2010. p. 187–218.

25. Nascimento Junior JRA, Vieira LF, Souza EA, Vieira JLL. Nível de satisfação do

atleta e coesão de grupo em equipes de futsal adulto. *Rev Bras Cineantropometria e Desempenho Hum.* 2011;13(2):138–44.

26. Leite MAFJ, Sasaki JE, Zanetti HR, Santos ST, Abrahão CAF, Chaves AD, et al. Nível de coesão grupal e satisfação de atletas de rugby. *Coleção Pesqui em Educ Física.* 2015;14(3):125–32.

27. Alves I. *Relação entre a Coesão, o Clima Motivacional e a Satisfação em Modalidades Colectivas.* [Dissertação de Mestrado]. Rio Maior: Instituto Politécnico de Santarém. Escola Superior de Desporto de Rio Maior; 2010.

28. Nascimento Junior JRA, Balbim GM, Vissoci JRN, Moreira CR, Passos PCB, Vieira LF. Análise das relações entre ansiedade estado e coesão de atletas de handebol. *Rev Psicol Teor e Prática.* 2016;18(2):89–102.

29. Fiorese L, Pizzo GC, Contreira AR, Lazier-Leão TR, Moreira CR, Rigoni PAG, et al. Associação entre motivação e coesão de grupo no futebol profissional: o relacionamento treinador-atleta é um fator determinante? *Rev Psicol del Deport.* 2017;27(suppl 1):51–7.

30. Balbim GM, Nascimento Junior JRA, Vieira LF. Análise do nível de coesão de grupo e do estresse psicológico pré-competitivo de atletas adultos de voleibol. *Rev Bras Cineantropometria Desempenho Hum.* 2012;14(6):704–12.

31. Apple K. *The antecedents and consequences of multidimensional cohesion throughout an intercollegiate baseball season.* [Tese de Doutorado]. Indiana: Purdue University; 1993.

32. Machado AA. *Psicologia do esporte: da educação física escolar ao esporte de alto nível.* Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2006.

33. Nascimento Junior JRA, Vieira LF. Coesão de grupo e liderança do treinador em função do nível competitivo das equipes: Um estudo no contexto do futsal paranaense. *Rev Bras Cineantropometria e Desempenho Hum.* 2013;15(1):89–102.

34. Cronbach LJ. Coefficient alpha and the internal structure of tests. *Psychometrika.* 1951;16(3):297–334.

35. González Alonso J, Pazmiño Santacruz M. Cálculo e interpretación del Alfa de Cronbach para el caso de validación de la consistencia interna de un cuestionario, con dos posibles escalas tipo Likert. *Rev Publicando.* 2015;2(2):62–77.

36. Hopkins WG. A scale of magnitudes for effect statistics [Internet]. Internet Society of Sport Science. A New View of Statistics. 2002 [cited 2017 Sep 12]. Available from: <http://www.sportsci.org/resource/stats/index.html>

37. Green SB, Salkind NJ, Akey TM. *Using SPSS for windows: analyzing and understanding data.* 2nd ed. New Jersey: Prentice Hall; 2000.

38. Nascimento Junior JRA, Ribeiro AC, Moreira CR, Pizzo GC, Ribeiro VT, Vieira LF. Propriedades psicométricas do questionário de ambiente de grupo (GEQ) para o contexto do futebol e futsal de alto rendimento. *Rev da Educ Física da UEM.* 2016;27(1):2742.

39. Vieira LF, Vissoci JRN, Oliveira LP, Vieira JLL. Psicologia do esporte: Uma área emergente da psicologia. *Psicol em Estud.* 2010;15(2):391–9.

40. Carron AV., Brawley LR, Widmeyer WN. The measurement of cohesiveness in sport groups. *Adv Sport Exerc Psychol Meas.* 1998;23(7):213–26.

41. Vallerand RJ, Koestner R, Pelletier LG. Reflections on self-determination theory. *Can Psychol.* 2008;49(3):257–62.

42. Deci EL, Ryan RM. Self-Determination Theory. In: Deci EL, Ryan RM, editors. *Handbook of theories of social psychology.* Waco: Moody General Collection; 2012. p. 416–37.

43. Corrêa IA. Identificação e controle de emoções e relações em ambientes esportivos de futebol de campo para melhora do desempenho. *Rev Bras Futsal e Futeb.* 2010;2(6):151–5.

44. Bock AMB, Furtado O, Teixeira MLT. *Psicologias: uma introdução ao estudo de*

psicologia. São Paulo: Saraiva; 2008.

45. Gleitman H, Reisberg D, Gross J. Psicologia. 7th ed. Porto Alegre: ArtMed; 2009.

46. Estabrooks PA, Carron A V. The Physical Activity Group Environment Questionnaire: An instrument for the assessment of cohesion in exercise classes. *Gr Dyn theory, Res Pract.* 2000;4(3):230–43.

47. Ribeiro CC. Qualidade da relação treinador-atleta em contextos desportivos: Relações com fatores de grupo e diferenças em função do sexo. [Dissertação de Mestrado]. Braga: Escola de Psicologia. Universidade do Minho; 2016.

48. Jowett S. Coach-athlete relationships ignite groupness. In: Beauchamp MR, editor. *Group dynamics in exercise and sport psychology: contemporary themes*. London: Routledge; 2007. p. 63–77.

49. Werneck FZ, Filho MGB, Coelho EF, Ferreira RM, Paula HL, Soares TM. Características preditoras da escalação de jovens atletas de futsal. *Rev Bras Futeb.* 2015;8(1):43–53.

50. Vieira LF, Carruzo NM, Aizava PVS, Rigoni PAG. Análise da síndrome de “burnout” e das estratégias de “coping” em atletas brasileiros de vôlei de praia. *Rev Bras Educ Física e Esporte.* 2013;27(2):269–76.

51. Oliveira JL, Voser RC, Hernandez AE. A comparação da preferência do estilo de liderança do treinador ideal entre jogadores de futebol e futsal. *Lect Educ Física y Deport.* 2004;10(76):1.

52. Nascimento Junior JRA, Balbim GM, Vieira LF. Coesão de grupo em equipes adultas de voleibol do estado do Paraná. *Rev Psicol Teor e Prática.* 2013;15(1):105–15.

53. Bettega OB, Scaglia AJJ, Morato MP, Galatti LR. Formação de jogadores de futebol: princípios e pressupostos para composição de uma proposta pedagógica. *Movimento.* 2015;21(3):791–801.

54. Bettega OB, Prestes MF, Lopes CR, Galatti LR. Pedagogia do Esporte: o Jogo como balizador na iniciação ao futsal. *Pensar a Prática.* 2015;18(2):487–501.

55. Prapavessis H, Carron A V. The role of sacrifice in the dynamics of sports teams. *Gr Dyn theory, Res Pract.* 1996;1:231–40.